

NELSON ERNESTO COELHO JUNIOR

Quando comecei a estudar psicanálise, no final dos anos 1970, boa parte dos professores que tive tratava a obra de Freud como algo ultrapassado: “o Velho Freud” e ressaltava as inovações ou até revoluções realizadas por Melanie Klein, Lacan, Bion e Winnicott. Havia nessa posição, é claro, a ressonância do espírito científico, da ideia de que na evolução do conhecimento a concepção exposta no pensamento fundador precisava necessariamente ser superada.

No início dos anos 1980, entretanto, ao lado dessa primeira posição começava a aparecer – pela mão de psicanalistas que voltavam de um período de formação e estudos acadêmicos na França – uma revalorização na obra de Freud. Se o mote lacaniano do “retorno a Freud” se evidenciou, de fato, como um uso da leitura singular feita por Lacan dos textos de Freud para lançar sua própria visão do que deveria ser a verdadeira psicanálise, o trabalho empreendido por autores como J. B. Pontalis, J. Laplanche, A. Green, C. Stein, C. Le Guen e P. Fédida, entre outros (muitos deles psicanalistas com formação original em filosofia⁴⁷) permitiu que as

⁴⁶ Retomo neste texto, algumas vezes literalmente, ideias apresentadas em outros artigos já publicados. Cf. Coelho Jr, N.E. (2016), Coelho Jr, N.E. (2013), Coelho Jr, N.E.; Martini, A. (2011), Coelho Jr, N.E.; Sigler, R. (2007), Coelho Jr, N.E. (2001), Coelho Jr, N.E. (1995a) e Coelho Jr, N.E. (1995b).

⁴⁷ Green fez formação em medicina e depois em psiquiatria, mas como ele mesmo afirma, na época de estudante de medicina “lia mais obras de psicologia e de filosofia do que de medicina” (1999, p.41).

ideias freudianas que haviam sido grandemente diluídas pelos discursos das escolas pós-freudianas retornassem ao centro do debate. Com isso, uma nova geração de psicanalistas no Brasil pôde começar sua formação lendo Freud, e não lendo o Freud de Klein ou o Freud de Lacan, ou o Freud de Hartmann, Kris e Löwenstein, e assim por diante. A partir de uma leitura continuada da obra de Freud, nos anos 1980 e 1990, foi possível vislumbrar com mais clareza qual tinha sido o destino das ideias freudianas nas mãos das “escolas pós-freudianas” e por que, não raro, essas escolas falavam de Freud como “o Velho Freud”, indicando que ele e suas ideias estavam ultrapassados.

É por isso que nos anos 1980, André Green, seguido por outros, indicou que a grande novidade da psicanálise nas últimas décadas do século XX era Freud. Não se tratava de um novo Freud, exatamente, já que mesmo com o acréscimo da publicação de correspondências inéditas de Freud e com novas traduções da obra do fundador da psicanálise seus textos eram os mesmos. Mas, seguramente, uma nova leitura se instalava apoiada em estratégias de interpretação formuladas nas diferentes tradições filosóficas e hermenêuticas do século XX.

Entendo que foram essas novas leituras da obra de Freud que possibilitaram o que hoje podemos reconhecer como um período “pós-escolas”⁴⁸ em psicanálise. Desta forma, coube à obra freudiana, pelo menos quarenta anos após a morte de seu autor, renovar a área de conhecimento que ele mesmo havia fundado. Trata-se, de fato, de uma exploração radical e renovada da descoberta freudiana, em favor de uma psicanálise pluralista e não sectária. Em muitas escolas e instituições de formação psicanalítica havia se instalado um sectarismo mortífero; como denominou Christopher Bollas em um livro que foi prefaciado por Green quando da edição francesa.⁴⁹ Com isso, assentadas em uma rigidez no uso da teoria e da técnica analíticas, as “escolas” procuravam impor um único modelo que recebia em todas elas o nome de “verdadeira psicanálise”. Mas se hoje vislumbramos, mundialmente, uma psicanálise pluralista, pós-escolas, em grande medida devemos isso ao esforço da retomada da interpretação da teoria freudiana, em particular dos textos metapsicológicos de Freud e seus efeitos sobre a clínica cotidiana, com suas supostas “novas patologias”.

Os esforços conjuntos de vários autores contemporâneos⁵⁰ para dar

⁴⁸ Luís Claudio Figueiredo, em seu livro *As diversas faces do cuidar* (2009), procura descrever o que denomina de “perspectivas inter e transescolares” (p.16), como o que vem atualmente sendo produzido de significativo em psicanálise, e situa no final da década de 1970 o início desse movimento de “atravessamento de paradigmas”.

⁴⁹ Cf. C. Bollas *Le Moment freudien*. Préface d'André Green. Traduit de l'anglais par Ana de Staal. Paris: les Éditions d'Ithaque, 2011.

⁵⁰ No Brasil há que se destacar o trabalho pioneiro de autores como Renato Mezan, Luiz

uma cidadania epistemológica própria à obra freudiana recolocaram em cena a discussão de alguns temas centrais da psicanálise em sua tentativa de estabelecer uma teoria geral da constituição e do funcionamento do aparelho psíquico e dos modos clínicos de compreensão e tratamento das diferentes formas de adoecimento psíquico:

- A tensão necessária entre as dimensões da força (intensidades e movimentos pulsionais, tanto oriundos do próprio corpo quanto da presença desejante do outro) e do sentido (a formação e o encaideamento das representações e suas efetividades).
- A tensão necessária entre o que pode ser considerado como *interno* ao psiquismo e o que advém do *mundo externo*, que em certo nível recobre a tensão mais referida contemporaneamente entre as dimensões *intrapsíquicas* e as dimensões *intersubjetivas* (o que evidentemente ainda coloca em cena se há ou não um conceito de sujeito próprio à psicanálise).
- As dimensões quantitativas e qualitativas do aparelho psíquico.
- As relações entre percepção, realidade, representação, sujeito, objeto, consciência e inconsciente.

Diante dessas noções e de seus impactos epistemológicos e ontológicos, cabe explicitar de que forma Freud concebeu uma teoria sobre a realidade e sobre o objeto e qual o papel dessas concepções na obra de alguns autores da psicanálise pós-freudiana.

Freud, a realidade e o objeto

Não é novidade o fato de Freud ter atribuído aos conceitos de realidade e de objeto diferentes sentidos no conjunto de sua obra. Quanto ao conceito de realidade, apesar da famosa carta a Fliess, de 1897 – na qual Freud anuncia o abandono da *Teoria da Sedução*, o que implicaria a princípio, o abandono do reconhecimento da realidade material como elemento fundamental na etiologia das neuroses –, muitos textos posteriores demonstram que este abandono nunca chegou a ser definitivo. A realidade externa ou material permanece fazendo incursões no texto freudiano até o fim de sua obra⁵¹. A realidade psíquica nunca chegou a reinar sozinha, nem na clínica nem na metapsicologia freudiana.

É claro que a concepção de duas realidades, que em certo nível mantêm uma constante tensão na constituição da subjetividade, não é algo

Roberto Monzani, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Jurandir Freire Costa, Joel Birman e Luís Claudio Figueiredo.

⁵¹ Cf. Coelho Jr, N.E., 1995a.

sem consequências para o trabalho clínico. A presença em geral rígida na teoria, lado a lado, de “duas” realidades – a realidade material e a realidade psíquica – implica, queira o analista ou não, o reconhecimento de uma separação nítida entre mundo exterior e mundo interior. Não me parece possível escapar dos impasses técnicos daí decorrentes e que implicam a necessidade clínica de elaborar parâmetros de análise de acordo com esta construção teórica. Depositar nas concepções científicas da época e na influência destas concepções no pensamento de Freud a razão de ser desta forma de teorização sobre a realidade não chega a resolver o nosso problema; e cabe também ressaltar que “os conceitos de realidade na obra freudiana não são meramente descritivos, implicam sim uma formulação bastante específica do ponto de vista epistemológico” (COELHO Jr, 1995b, p. 5-6).

Em um texto de grande importância para o tema da realidade (*O escritor e o devaneio*, 1908), Freud estabelece distinções bastante precisas que podem nos auxiliar na compreensão do conceito de realidade em sua obra. Tomando como ponto de partida a brincadeira de uma criança, entendida como um ato criativo, ele propõe:

Seria errado pensar que ela (a criança) não leva esse mundo (o da brincadeira) a sério; ao contrário, ela leva sua brincadeira com muita seriedade e nela emprega uma grande quantidade de afeto. O oposto da brincadeira não é o que é sério, mas a realidade. Apesar de todo afeto que a criança investe em seu mundo da brincadeira, ela o distingue bastante bem da realidade (*Wirklichkeit*), e gosta de apoiar seus objetos imaginários e suas situações em coisas tangíveis e visíveis do mundo real (*wirkliche Welt*). Este apoio é o que diferencia o “brincar” da criança, do “fantasiar”. (p. 171-172)

No texto *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*, Freud (1910) constrói a argumentação apoiado na oposição entre realidade e fantasia. Mas, em Freud, essa oposição nunca é ingênua ou grosseira. Sua preocupação parece estar sempre voltada para as sutis articulações entre fantasia e realidade, que se estabelecem na história de vida de cada um de nós:

Até agora deixamos aos escritores o trabalho de nos descrever quais são as “condições necessárias para amar”, que governam a escolha de objeto das pessoas e a forma pela qual harmonizam as exigências de suas fantasias com a realidade. (p. 187)

Argumentando sobre as vantagens e desvantagens de escritores levarem a cabo essa tarefa, Freud aponta como desvantagem o fato de que:

[...] os escritores têm a necessidade de produzir prazer intelectual e estético, assim como um certo efeito emocional, e por isso não po-

dem apresentar o estofa da realidade (*Realität*) de forma inalterada, mas sim precisam isolar porções, remover associações perturbadoras, abrandar o todo e preencher o que estiver faltando. (FREUD, 1910, p. 187)

Freud constrói nesse texto uma noção bastante clara da realidade, ainda mais se considerarmos que ele opõe o trabalho do escritor ao do cientista, aproveitando para dar sua definição de ciência: "A ciência é precisamente a mais completa renúncia do princípio ao prazer da qual nosso trabalho psíquico é capaz" (p.187). Portanto, a verdadeira realidade é aquela que aparecerá para o cientista graças à sua capacidade de colocar em suspenso as necessidades comandadas pelo princípio do prazer. Mas será que esse é o único acesso possível à realidade para a teoria e a prática psicanalíticas? Voltarei a essa questão quando tratar do tema da realidade no pensamento de Winnicott.

Quanto ao conceito de objeto, deve ser destacado o complexo uso que Freud faz deste conceito em suas formulações teóricas. André Green (2000) chegou a afirmar que o objeto para Freud é "polissêmico, existe sempre mais que um objeto e, como um todo, eles cobrem vários campos e realizam funções que não podem ser abarcadas por um só conceito" (p. 9). Como um primeiro ponto, destaco a relação entre a sexualidade, ou melhor, as moções da pulsão sexual, suas "ações", e os objetos. Em geral, Freud se refere a objetos que são na realidade representações psíquicas. Assim, o movimento a que se refere a moção pulsional deve ser considerado como um movimento interno ao psiquismo. A seguir, quero ressaltar a expressão "escolha de objeto" que se refere, em geral, à escolha de objetos de amor. Como bem expressam Laplanche & Pontalis (1967), o termo "escolha" não deve ser considerado em seu sentido racional, de uma opção consciente, mas sim como o que há de irreversível na eleição feita pelo indivíduo, do seu tipo de objeto de amor. A escolha pode referir-se a uma pessoa específica que é eleita como objeto de amor, ou a tipos de escolha, como quando Freud se refere, por exemplo, à "escolha incestuosa de objeto", ou à "escolha de objeto homossexual". Há ainda a referência ao próprio sujeito, ou mais precisamente, ao ego como instância psíquica, que pode ser tomado como objeto, como no caso dos investimentos narcísicos.

Quanto à origem e à primazia do objeto, de forma geral é possível afirmar que para Freud o primeiro objeto será o modelo para as futuras relações objetais:

Existem, portanto, boas razões para que o ato de uma criança sugar o seio da mãe se torne o protótipo para toda relação de amor. Encontrar um objeto é na realidade reencontrá-lo. (FREUD, 1905/1972, p. 125-126)

Essa é uma frase muito citada e talvez a mais reconhecida entre as passagens da obra freudiana em que há uma referência à noção de objeto. Embora Freud fizesse inicialmente uma clara diferenciação entre a sexualidade infantil e a sexualidade posterior ao período da puberdade, já fica evidente nessa passagem uma das principais características da teoria psicanalítica, ou seja, que processos psíquicos infantis, tanto em sua dimensão de ação como de afeto e representação, tendem a ser o modelo para as relações adultas. Outro aspecto que ressalta a partir dessa citação de Freud é a complexidade da experiência temporal, nos termos em que é compreendida pela psicanálise. Se inegavelmente há uma linha regressiva, em que o passado explica o presente (as escolhas objetais passadas explicam as escolhas atuais ou posteriores), há também o caminho inverso, em que só as experiências posteriores podem fazer com que as passadas ganhem sentido, ganhem significado. Essa última forma de compreender a temporalidade, como se sabe, foi denominada por Freud de *Nachträglichkeit* (posterioridade).

Fica claro também que tanto os movimentos que buscam no objeto externo a realização de um desejo como aqueles que buscam no próprio sujeito essa realização partem de marcas estabelecidas no psiquismo e de seus registros afetivos e representacionais. Ou seja, os estímulos, ou se quisermos, os "convites" que partem do mundo externo serão sempre secundários nessa concepção. Não há aqui nenhum poder de constituição do sujeito atribuído aos objetos enquanto fonte primária. A fonte primária das ações e escolhas será sempre algo "interno" ao próprio sujeito, ou melhor, o próprio movimento pulsional. Mas, ao menos potencialmente, no movimento da escolha de objeto, o sujeito entra em contato com a diferença e, assim, percebe, ainda que parcialmente, a existência de um outro, de um *não ego*.

É só a partir do momento em que Freud passa a valorizar os objetos de identificação que esse modelo poderá ser modificado. Já no texto *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci* (FREUD, 1910), pode-se verificar o movimento de Freud em direção ao reconhecimento dos processos de identificação para a constituição da subjetividade. Ao procurar compreender a homossexualidade, ele sugere que o menino tende a recalcar seu amor pela mãe e, ao assim proceder, coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela e acaba por tomar-se a si mesmo por modelo para seus novos objetos de amor. Assim, já nesse texto, há importantes formulações sobre a identificação e o narcisismo. Mas é no texto de 1917, *Luto e melancolia*, que a noção de identificação tomará corpo. O que se apresenta é que em função da perda de um objeto que pode ser real ou mesmo fantasiada, o sujeito passa a viver uma identificação do objeto perdido com seu próprio ego. Embora Freud trabalhe ainda predominantemente com a concepção de objeto como sendo endopsíquico, nesse momento de sua obra começa a se esboçar a ideia da introjeção do objeto, através da identificação (prin-

principalmente da identificação primária) como elemento central na constituição da subjetividade. Freud passa pouco a pouco a considerar o ego como um precipitado de identificações em que o modelo fundamental é a figura paterna.

Quero destacar, no entanto, que o fato de existir uma *referência* a um objeto externo (seio da mãe, o pai, etc.) não garante que o objeto visado pelo desejo sexual e incorporado psiquicamente seja o objeto externo real. Incorpora-se ou introjeta-se, em última instância, uma relação que passa a produzir efeitos na cadeia de fantasias inconscientes. Freud postula, nesses termos, a constituição da subjetividade como um processo de sucessivas identificações. Os objetos vão sendo substituídos e o sucesso ou o fracasso nas substituições será determinante na formação de sintomas ou do equilíbrio e das possibilidades criativas de cada sujeito.

No caso específico da melancolia, estudado por Freud no texto de 1917, pode-se verificar que a principal dificuldade está justamente na impossibilidade de substituição do objeto de amor. Mesmo que o teste de realidade comprove para a instância egoica a ausência do objeto na realidade exterior, no plano das fantasias e dos devaneios o objeto perdido mantém-se presente. A tensão caracterizada pela ausência do objeto externo, acompanhado da presença psíquica do objeto, é fonte de grande sofrimento. O exemplo da melancolia é elucidativo de uma das formas como o objeto aparece na teorização freudiana. A simultaneidade entre presença e ausência, a impossibilidade de uma parcela do psiquismo em reconhecer a perda do objeto, insistindo em sua presença psíquica, evidenciam a complexidade da noção de objeto em uma teoria que procura justamente ultrapassar os limites da objetividade.

Ao lado disso, entendo ser importante sublinhar a ambiguidade presente na concepção freudiana do objeto a partir da formulação das identificações como elemento constituinte dos processos de subjetivação. Pode-se reconhecer o esforço de Freud em não estabelecer uma presença apenas empírica dos objetos. Por outro lado, seria errôneo supor que Freud negue a realidade dos objetos externos ou mesmo sua importância na constituição da subjetividade. Não há, em Freud, a pretensão de que a representação psíquica do seio materno, por exemplo, possa ter-se formado sem que existisse um seio materno "empírico". O objeto seria simultaneamente empírico e psíquico. É deste modo que a teorização freudiana acaba por constituir sua especificidade quanto à noção de objeto.

Cabe, agora, olhar como estes legados freudianos são parte constituinte dos desenvolvimentos de alguns dos principais autores pós-freudianos. Evidentemente, ao considerar a história da psicanálise como processos de construção e criação conceitual e institucional derivados de um mesmo grande tronco (a obra de Freud e seu legado), recuso aqui uma leitura da história que favoreça a concepção de que uma obra possa ter

nascido por geração espontânea, ou mesmo apenas por ruptura e inovação com relação à obra freudiana. Para configurar o horizonte da história das ideias e práticas psicanalíticas pós-freudianas, portanto, sugiro que se considerem duas dimensões distintas:

- a *tradição* – nessa dimensão, cada psicanalista é marcado e até certo ponto determinado pelas forças da cultura psicanalítica na qual foi formado. São as “condições prévias” que constituem as possibilidades de pensar, interpretar e agir;
- a *inovação e a ruptura* – nessa dimensão, cada psicanalista, em sua diferença, procura explorar de maneira pessoal as heranças compartilhadas.

Quando considero as identificações e introjeções pelas quais passaram os psicanalistas pós-freudianos em suas formações, penso que cabem as perguntas sobre quando e como chegou para cada um o momento de dar vazão a criações inovadoras que romperam em alguma medida com a tradição introjetada. Mas, talvez, estas sejam questões destituídas de sentido, já que toda criação parte de uma tradição e, nesta perspectiva, não se opõe a ela. Por sua vez, a tradição só é revivida e transmitida quando existe a possibilidade da criação de um *estilo*, que é simultaneamente original e resultado da presença da tradição em cada novo agir.

A tradição, nesse caso, deve abranger fundamentalmente o solo do qual a psicanálise (e cada psicanalista) recebe os alimentos que a fazem ser o que é. E isso para além das regras de fundação e de funcionamento que a própria psicanálise procura estabelecer para si. A partir da linguagem de Heidegger e Gadamer, podemos pensar no *solo cultural*, no caldo de Cultura que nos antecede e nos alimenta, como uma pré-estrutura existencial, como o horizonte de cada prática, de cada teoria e de cada analista. Mas sempre é possível caminhar em direção ao horizonte e ele se desloca. E, deste ponto de vista, tanto a psicanálise como a tradição em que ela está inserida contêm seu próprio horizonte. Esse horizonte está em constante processo de formação, pondo à prova os preconceitos no encontro com o passado e exigindo a compreensão de partes da tradição, sem a qual um psicanalista não existe. É claro, por outro lado, que o excesso de “apego” (consciente ou inconsciente) à tradição pode fazer com que um psicanalista fique paralisado na espessa trama da familiaridade, que é a impregnação do hábito, doença possível quando o horizonte além de próximo demais se torna fixo no tempo e no espaço. A inovação e a ruptura com a tradição, por sua vez, buscam revelar-se em cada tentativa original de expressão. Mas sua base, ou o seu “solo”, não pode ser confundida com algo como a identidade ou a essência da psicanálise. É a partir de um extrato pré-subjetivo (a tradição, no sentido apresentado acima) que a própria subjetividade de cada psicanalista virá a se assentar em seu esforço por construir inovações.

Com isto em mente, podemos passar a considerar algumas das grandes inovações pós-freudianas e a marca do legado freudiano em cada uma delas.

Freud e Melanie Klein: o lugar do objeto psíquico e da realidade

Melanie Klein (1882-1960) não é só a precursora da psicanálise com crianças. Corajosa, persistente, provocadora e hábil articuladora na política interna da psicanálise pós-freudiana, Klein construiu seu pequeno império apoiada em um pensamento original que revolucionou a teoria e a técnica psicanalíticas. O lugar central que ocupa na história da psicanálise revela, simultaneamente, a criatividade de seu trabalho clínico e a fecundidade dos conceitos e da teoria que desenvolveu em mais de 40 anos de trabalho como psicanalista. Uma nova concepção sobre os objetos psíquicos e uma polêmica visão sobre as relações entre fantasia e realidade estão entre as principais contribuições de Melanie Klein para o desenvolvimento da psicanálise. Seguramente, um dos pontos mais relevantes de sua contribuição é ter levado adiante e aprofundado a ideia freudiana das relações *intrapsíquicas* de um sujeito com outro sujeito. Ou seja, na teorização psicanalítica é possível conceber uma dimensão da experiência *intersubjetiva* em que a presença de objetos (no caso, outros sujeitos, ou ao menos parte deles) não precisa se dar efetivamente na realidade externa para que tenha efeito e produza consequências, em termos psíquicos. A partir da obra de Melanie Klein, mas também depois com os trabalhos de W. D. Fairbairn, W. Bion e D. W. Winnicott, uma importante dimensão da experiência *intersubjetiva* pôde ser mais bem compreendida por meio de uma intrincada rede de relações com objetos, vivida no plano *intrapsíquico*. Leitora criativa da obra de Freud, foi com a continuidade, portanto, mas também com a ruptura com algumas das posições teóricas do criador da psicanálise que Klein estabeleceu sua inovadora concepção de *objeto*.

Cabe agora acompanhar de que forma essas ideias começaram a ser formuladas em termos teóricos. O psiquismo é, em grande medida, constituído por objetos, pelas relações estabelecidas com objetos. A questão que se coloca, de início, é se esses objetos devem ser entendidos como objetos "externos" com uma materialidade física, ou devem ser considerados objetos da fantasia, no sentido de serem entidades que não necessariamente correspondem a um objeto externo específico.

O caminho do conceito de objeto na psicanálise é longo e tortuoso, como procurei demonstrar em Freud. Quero agora focalizar as ideias de Melanie Klein para então voltar um pouco a Freud, e com isso poder explicitar com mais clareza as inovações estabelecidas por ela.

Objetos parciais e objetos totais são nomeações que Melanie Klein estabeleceu para descrever diferentes formas de constituição dos objetos e de relações entre as pulsões (*Triebe* – as fontes internas de excitação que são o fator propulsor do aparelho psíquico) e os objetos. A matriz dessas ideias pode ser encontrada em Freud, mas a importância que assumiram com Klein transformará radicalmente a visão que a psicanálise passará a ter das relações do psiquismo com os objetos e de suas funções constitutivas. Em geral, Freud se referia a objetos que são representações psíquicas. Ou seja, o psiquismo é povoado por objetos que, embora em sua origem possam ter alguma relação com objetos presentes na realidade externa ao psiquismo, se configuram fundamentalmente como representações, ideias ou imagens. Esses objetos tendem a ser concebidos como representantes de objetos reais (uma pessoa, por exemplo, ou ao menos uma parte dela) que possam de alguma forma reproduzir (ou representar) objetos que foram fundamentais para a realização de desejos, ou para ser mais preciso, objetos através dos quais a pulsão consegue atingir seu alvo. Freud concebeu a existência de pulsões parciais, como por exemplo, uma pulsão oral que toma a boca como região erógena e procura realizar-se (obter prazer por descarga) por meio do ato de sugar algo.

Em termos propriamente kleinianos, o objeto ocupa um lugar diferente; não é mais o objeto das pulsões e tampouco é uma representação, ele “encontra-se arraigado no sistema de fantasias inconscientes, prévias à experiência [e] constitui a própria matéria do mundo interno” (BARANGER, 1994, p.54). Para Klein, as pulsões têm como correlatas as fantasias e possuem tanto uma forma de ação (projeções e introjeções) quanto um objeto. O objeto é concebido e construído por meio de um intrincado jogo de projeções e introjeções, em que as fantasias e suas relações com a realidade ganham papel predominante, naquilo que ficou conhecido como “relações objetais”. Vale lembrar que, como ocorre com vários dos grandes criadores de teorias em psicanálise, também com Melanie Klein é preciso reconhecer diferentes momentos da constituição de conceitos no decorrer de sua obra. Os conceitos não têm necessariamente o mesmo sentido nem ocupam o mesmo lugar em momentos distintos de seu desenvolvimento teórico.

Vale a pena começar pelo conceito de *objeto parcial*, que é entendido por Klein como aquele que libera o bebê da ambivalência (amor e ódio simultâneos) de seus sentimentos com relação aos objetos inaugurais (por exemplo, o seio materno). Com esse conceito, Klein estaria se referindo especialmente ao fato de o bebê não perceber a mãe inteira, ou seja, de ser incapaz de realizar a síntese de dados afetivos e sensoriais. Nos momentos iniciais de sua obra, “objeto parcial” é o que se opõe ao objeto completo. Mas nestas primeiras formulações, já está também presente o outro sentido, relativo aos estados puros de sentimento percebidos isoladamente, embora não haja ainda uma tematização explícita desta di-

mensão do objeto parcial. Antes de 1946, ano crucial para a consolidação de seu arcabouço teórico, Melanie Klein concebia os aspectos bons e maus do objeto como separados apenas em função da imaturidade de um psiquismo incapaz de síntese. Nos textos posteriores, esta separação de aspectos opostos aparecerá como uma ação do eu – a clivagem ou cisão. Além disso, até 1946, Klein teria uma tendência a considerar o seio como sendo os bons objetos parciais, e as fezes, como os objetos parciais maus e persecutórios.

Pode-se considerar que o objeto parcial possui poucas qualidades físicas, embora seja representado nas fantasias de crianças e psicóticos como partes anatômicas. Ele é fundamentalmente um “objeto emocional”, já que a criança muito pequena tem menos capacidade para a percepção dos aspectos físicos dos objetos – ainda menos em sua totalidade – e está mais preocupada com suas gratificações. A relação de objeto parcial é, então, uma relação muito mais com a função do objeto do que com a sua dimensão material; ou seja, como sugeriu Bion (1959), refere-se não ao seio, mas à amamentação, ao envenenamento, à vida, ao ódio.

O objeto parcial corresponde a partes do corpo, mas, do ponto de vista do bebê, ao mesmo tempo, não há um todo do qual ele retira partes: “Tais objetos são chamados de ‘objetos parciais’, embora, do ponto de vista do bebê, a parte seja tudo o que existe no objeto” (HINSHELWOOD, 1992, p. 392). Em suma, pode-se afirmar que as características intrínsecas ao objeto parcial, como entidade exterior ao bebê (por exemplo, sua dimensão física), não aparecem na relação parcial. O que aparece como característica do objeto parcial é determinado pelo modo como o bebê entra em contato com ele, de acordo com a experiência vivida, que por sua vez é determinada pelas fantasias e pelas intensidades pulsionais. Ou seja, o objeto parcial é experimentado como um objeto que gratifica ou como um que frustra. Assim, o objeto é bom se há satisfação, e é mau se há frustração. O objeto não tem, portanto, características próprias, *separadas e independentes* do sujeito. Esta vinculação estreita da experiência do bebê com a concepção que ele tem de um objeto é bem exemplificada pela ideia de que uma sensação corporal desagradável é interpretada pelo bebê como derivando das ações e intenções de um objeto mau. Pelo fato de o objeto possuir características de acordo com a vivência do bebê, ele é uma entidade com contornos muito mais narcísicos que objetais, embora, para o bebê, se trate de um objeto exterior a ele, com características próprias. Além disso, para o bebê, trata-se de um objeto todo, inteiro, embora a observação e a teoria indiquem que ele é apenas uma parte – parte de um corpo que mais tarde será o corpo inteiro, parte de uma experiência que mais tarde será bem mais complexa, e parte de uma entidade que mais tarde será multifacetada (amável e odiável, no mínimo). Há então um paradoxo da relação parcial: o objeto parcial é narcísico, na medida em que reflete perfeitamente os estados do bebê, mas a relação com ele é

vivida como a relação com um objeto separado e diferente dele. De modo animista, o bebê lhe atribui sentimentos, qualidades e intenções que *precisam* ser sentidos como alheios ao *self* do bebê.

O *objeto total*, formulado por ocasião do artigo de 1935, “Uma Contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, em contrapartida ao objeto parcial, não é mais definido a partir dos sentimentos do bebê. Possui características próprias, independentes da vivência do bebê. As qualidades antes vistas separadamente nos objetos parciais são agora reconhecidas como componentes de um só objeto: ele é o bom que satisfaz, mas é também o mau que frustra. Segundo Hinshelwood (1992), o objeto total envolve “a capacidade de perceber uma pessoa ‘tal como ela realmente é’ (...)” (p. 384). O “real” aqui parece corresponder principalmente à natureza não narcísica deste objeto, ou seja, ao fato de ser percebido de forma independente dos próprios sentimentos e necessidades do bebê. Surgem as possibilidades de o bebê adquirir estabilidade quanto aos seus sentimentos pelo objeto, não variando tão bruscamente como antes. Surgem também a preocupação e o interesse pelo objeto, capacidades fundamentais para o bom desenvolvimento psíquico.

Cintra e Figueiredo (2004) propõem um esquema interessante para a leitura dos textos iniciais de Melanie Klein da década de 1920, que também elucida a natureza da relação com objetos parciais e totais. Entendem que Klein organizava seu pensamento e observações clínicas de acordo com a polaridade: “relações de objeto parcial” e “relações de objeto total”, embora não usasse ainda esta nomenclatura. As primeiras, referidas nessa época como sendo “pré-genitais”, são aquelas caracterizadas pela “lei da selva”, na qual o outro ainda não é concebido como um ser com existência autônoma e separada do sujeito, um outro ser desejante, mas como algo a ser consumido, destruído ou algo a ser controlado e submetido, dependendo de qual tendência pré-genital seja predominante. As “relações de objeto total” – referidas como tendências “genitais”, marcadas pelos conflitos edípicos – são caracterizadas pela “lei da cultura”, em que o objeto é um outro separado do sujeito, com quem este se preocupa e que pode reconhecer como um ser desejante que possui necessidades e direitos próprios. Outra característica que diferencia estas relações de objeto é sua forma de vínculo com as pulsões. Os autores citados apontam que Klein, ao longo da década de 1920, vai compreendendo o psiquismo infantil como sendo governado por duas pulsões nitidamente separadas, diferindo assim do modo como as entendia inicialmente, ou seja, sadismo e sexualidade bastante entrelaçados. Cada vez mais impressionada com o papel da destrutividade no desenvolvimento do psiquismo e abraçando completamente a dualidade das pulsões proposta por Freud em 1920, Klein identifica o predomínio de cada uma das pulsões em cada uma das modalidades de relação de objeto. Sendo, assim, possível reconhecer duas diferentes dinâmicas psíquicas: as etapas e as tendências pré-genitais,

mais tarde vinculadas às relações de objeto parciais, fazem parte de um dinamismo em que predomina a pulsão de morte; já a etapa e as tendências genitais fazem parte de um dinamismo em que predominam as pulsões libidinais. Segundo os autores, embora Klein precisasse manter nítidas as duas formas de se relacionar com o objeto, ela vai gradativamente percebendo que, mesmo no início da vida, o bebê vivencia momentos fugidios em que a relação de objeto total já se coloca. É, no entanto, a partir de 1934, com a postulação da "posição depressiva", que Klein formulará a possibilidade do reconhecimento mais nítido de um objeto total. Para ela, este reconhecimento ocorrerá na época do desmame, por volta dos seis meses de idade.

O desenvolvimento do pensamento kleiniano ganha em complexidade e definição na medida em que Melanie Klein foi sendo questionada pelos colegas da Sociedade Britânica de Psicanálise, principalmente naquelas que ficaram conhecidas como as grandes Controvérsias Freud-Klein, entre os anos de 1941 e 1945. E também a partir da entrada em cena de Winnicott, autor que parte dos pensamentos freudiano e kleiniano para desenvolver um caminho próprio no que diz respeito aos temas da realidade e do objeto na teoria psicanalítica.

Freud e Winnicott: a terceira realidade

Ao psicanalista e pediatra inglês Donald W. Winnicott (1896-1971) coube o privilégio de avançar para além das ideias de Freud em vários planos teóricos e clínicos. Por meio de conceitos como objeto e fenômenos transicionais, espaço intermediário ou terceira área, Winnicott formulou uma nova concepção de realidade. A ideia de uma terceira área, de um espaço intermediário, de um *entre dois*, parece-me especialmente fecunda e fez com que a psicanálise pudesse passar a trabalhar em três planos de experiência e não apenas com dois planos em permanente oposição (realidade material e realidade psíquica). Um terceiro plano, uma terceira área que, no entanto, não se configura como uma síntese ou como uma região segura, pré-formada e de fácil delimitação. O *entre* revela-se, assim, como a região psicanalítica por excelência, estruturando o espaço de ilusão e a condição para a criação.

Mas nessa aproximação de uma das influências maiores das concepções sobre o *terceiro em psicanálise*, quero insistir uma vez mais que não acredito, ao lado de outros psicanalistas contemporâneos, que a história das ideias psicanalíticas se dê em termos de grandes rupturas e da instauração periódica de pensamentos que brotam por geração espontânea. Ao contrário, acho importante valorizar, ao máximo, as heranças e reconhecer o pensamento de Freud, assim como o de Ferenczi e, em doses menores, em cada um dos autores pós-freudianos. Além disso, não custa

relembrar que o próprio Winnicott propôs que ninguém pode ser original a não ser baseado na tradição, que no caso dele, é a tradição freudiana acrescida da tradição kleiniana.

Não bastasse a convicção quanto ao peso das heranças na construção das teorias psicanalíticas, apresento o que me parece uma "prova" a mais. Relendo um livro que me acompanha há muito tempo e do qual já me servi em várias situações, "descobri" uma passagem de Freud sobre o *entre*, ou, em suas palavras, o reino intermediário (*Zwischenreich*). No livro *Entre o sonho e a dor*, do psicanalista francês J. B. Pontalis (1977), pode-se ler:

Mas o pensamento freudiano, mesmo sendo um pensamento dualista, pensamento do conflito e do par de opostos, não se deixa prender em um "ou isso ou aquilo". Nosso reino é aquele do entre dois, pôde dizer Freud no tempo em que inventava a análise. (p. 9)

Em nota de rodapé, Pontalis remete o leitor a uma carta de Freud a Fliess, de 16 de abril de 1896. A passagem completa é a seguinte:

Só tenho a registrar umas poucas ideias nascidas de meu trabalho cotidiano sobre o reino intermediário, como um reforço genérico da impressão de que *tudo* é como suponho que seja e, portanto, de que tudo será esclarecido. (MASSON, 1986, p. 182)⁵²

É claro que ao escrever as linhas que citei, Pontalis estava bastante influenciado em sua leitura de Freud por Winnicott e pelo filósofo Merleau-Ponty, autores de referência de seu livro de 1977 e defensores de um pensamento que reconhece o lugar fundamental da dimensão do *entre dois*. Sem entrar nas querelas hermenêuticas nem no destino que teve o "reino intermediário" no restante da obra freudiana, o que quero registrar é que até no aspecto que sempre foi considerado o da mais genuína originalidade de Winnicott pode-se encontrar, através de Pontalis, um grão de areia freudiano. Não há garantia de que esse grão de areia esteja, de fato, presente na inspirada concepção winnicottiana da realidade, mas *se non è vero, è ben trovato*.

É nesse plano que entendo a importância das inovações propostas por Winnicott para a concepção psicanalítica da realidade. Ao formular uma teoria sobre o espaço intermediário entre a realidade externa e a realidade psíquica, Winnicott cria as condições para a valorização de um *terceiro* elemento em nossa compreensão sobre as relações entre o sujeito e

⁵² Precisamos também lembrar aqui da carta de Freud a Groddeck, de 5 de junho de 1917: "É sabido que o Inconsciente (*Ubw*) é o elo/mediação autêntico(a) (*richtige Vermittlung*) entre o corporal (*Körperlichen*) e o animico (*Seelischen*), talvez o tão esperado *missing link*" (p. 317-318). Ou seja, a estrutura da metapsicologia, nesse caso, é pensada levando em conta três elementos, sendo o inconsciente o terceiro, que é ligação e mediação.

seu mundo. É a clássica oposição entre mundo interior e mundo exterior que é revista, a partir desta conceituação, e que levou Winnicott a propor três questões de fundamental importância:

Temos utilizado os conceitos de interior e de exterior, e necessitamos de um terceiro. Onde estamos quando fazemos o que em verdade fazemos durante boa parte do tempo, quer dizer, quando nos divertimos? O conceito de sublimação abarca todo o panorama? Podemos obter alguma vantagem se examinarmos este assunto da possível existência de um lugar para viver, que os termos "exterior" e "interior" não descrevem de forma adequada? (1971, p. 140)

Os estudos de Winnicott sobre o espaço intermediário consideram tanto o espaço construído na relação mãe-criança como também o espaço intermediário presente na relação analista-analisando. Tal espaço representa, segundo ele, "uma terceira zona de vida humana, que não está dentro do indivíduo nem fora, no mundo da realidade compartilhada" (1971, p. 146).

Para chegar aos paradoxos que desorganizam as formulações canônicas sobre a natureza da realidade, sobre a natureza da experiência humana da realidade ou mesmo sobre a natureza das formas de conhecimento humano da realidade, Winnicott elabora um conjunto de conceitos. São todos conceitos que procuram descrever diferentes estados maturacionais do desenvolvimento emocional humano (e seus distúrbios), as formas de relação entre um bebê e sua mãe (e entre o analista e o analisando), entre o bebê e seus primeiros objetos e, de forma mais ampla, que procuram descrever e nomear as formas de relação do ser humano com seu ambiente. Atento às dimensões positivas da ilusão e à necessidade de se reconhecer o papel da criatividade nos processos de constituição subjetiva e intersubjetiva, Winnicott acaba por valorizar e construir conceitualmente um espaço *entre*, que é um espaço de ilusão. Este espaço que, originalmente, é o espaço do brincar infantil em que é um prazer se esconder para poder ser encontrado, é também o lugar da criatividade e futuro lugar da experiência cultural. Seguramente, é uma das figuras mais potentes da noção de realidade da história da psicanálise.

Conclusão: Freud, Green e o caminho de uma psicanálise pós-escolas

A manutenção dos grandes temas da psicanálise freudiana, na forma de questões em aberto em parte dos autores da psicanálise pós-freudiana – temas como as oposições objeto interno e objeto externo e realidade material e realidade psíquica – não revela o fracasso de uma ciência, mas um compromisso ético que pauta o desenvolvimento de uma prática e de um



campo de investigação, como está bem demonstrado na obra do psicanalista francês André Green (1927-2012). É justamente a natureza complexa do objeto de investigação e teorização psicanalíticas que levou Green a partir do final dos anos 1990 a recorrer à noção de *pensamento hipercomplexo* de Edgar Morin, para referir-se aos elementos centrais de um pensamento clínico psicanalítico. Green parece dar continuidade, no campo da psicanálise, à concepção de Morin (2005), que afirmou ser necessário reconhecer “as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes. É [preciso] tomar consciência da patologia contemporânea do pensamento” (p. 15). Morin insistiu no fato de que:

[...] a patologia moderna da mente está na hipersimplificação que não deixa ver a complexidade do real. (...) A doença da teoria está no doutrinamento e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem. (p. 15)

Foi o reconhecimento deste panorama na esfera da psicanálise que levou Green a um grande embate teórico, político e institucional, enfrentando a resistência de vários grupos dominantes no cenário psicanalítico⁵³.

Acho que é possível afirmar que um novo modelo de compreensão epistemológica em psicanálise começa a se esboçar a partir do encontro de Green com a noção de pensamento complexo de Morin. Ricardo Bernardi (2012) afirmou que:

[...] esta complexidade advém do fato de que a observação psicanalítica vai além do manifesto: inclui os efeitos que a observação produz no analista, as fantasias que paciente e analista constroem conjuntamente na sessão, as ressonâncias mútuas (...), etc. (p. 218)

Trata-se de reconhecer que “uma observação que não leve em conta esta complexidade, como assinalou reiteradamente Green, é um método muito pouco apropriado para a psicanálise” (p.218). Assim, a psicanálise contemporânea faz convergir o trabalho clínico e a construção teórica para a formulação de um modelo epistemológico apropriado ao objeto da investigação psicanalítica em sua complexidade.

Assim, já é consenso que Green teve importância fundamental para o desenvolvimento da psicanálise contemporânea, em particular de uma

⁵³ Cf. J. and A.M. Sandler, and R. Davies (2000) *Clinical and observational psychoanalytical research: the roots of a controversy*. London: Karnac. Vale lembrar que Green, ao menos desde o 29º Congresso da IPA de 1975, em Londres, já enfrentava debates acalorados que o opunham não mais apenas a Lacan, mas também à tradição da Psicologia do Ego no contexto internacional, em defesa da metapsicologia freudiana e da criatividade do analista em seu trabalho clínico e teórico.

psicanálise que revaloriza o legado freudiano. Sua participação foi decisiva nas mudanças teóricas, clínicas e institucionais sofridas pela psicanálise nos últimos quarenta anos. Há dois aspectos em que isso se verificou de forma contundente:

- De um lado, Green articulou de forma original a *tradição* psicanalítica, principalmente representada por sua revalorização da metapsicologia freudiana, com *inovações* pós-freudianas, no seu caso as obras de Winnicott, Bion e Lacan. Mais especificamente, uma articulação entre a dimensão pulsional/representacional e a dimensão relacional/objetal. Ou seja, no que diz respeito a este primeiro ponto (tradição e inovação), é fundamental a atuação de Green na construção da passagem do período das grandes escolas psicanalíticas para o que hoje podemos denominar de um período pós-escolas.
- Por outro lado, Green sempre foi um ardoroso protetor do legado freudiano ante os ataques de detratores externos. Mais notadamente, perante o que considerou os enganos de muitos psicanalistas que buscaram garantir a sobrevivência da psicanálise por meio de alianças mais ou menos espúrias, seja com métodos das ciências objetivas seja com seduções de discursos humanistas. Neste âmbito e com esta função, é preciso reconhecer que a própria obra de Green também se destaca, com conceitos originais e inovadores (*a mãe morta, o trabalho do negativo, os processos terciários, as funções objetalizantes e desobjetalizantes, o duplo limite, o pensamento clínico, a posição fóbica central e a estrutura enquadrante*, entre outros), com alto nível de abstração metapsicológica e um modo de conceber a clínica que o fez ser, possivelmente, o mais importante psicanalista da virada do século XX para o século XXI.

A maneira como Green reconciliou a tradição metapsicológica freudiana com a teoria das relações de objeto inglesa deve muito às necessidades clínicas determinadas pelo atendimento de pacientes não neuróticos. Para ele, com esses pacientes, a teoria psicanalítica precisaria explicitar um novo modelo a partir do pensamento clínico, agora reconhecido como um pensamento hipercomplexo. Nesse âmbito se destacam a importância que Green atribuiu à articulação entre a dimensão pulsional/representacional (o intrapsíquico) e a dimensão relacional (o intersubjetivo)⁵⁴ e a proposição do *enquadre analítico* dividido em uma matriz ativa (associação livre do paciente, escuta flutuante e neutralidade do analista) e uma fração variável (visibilidade ou não do analista, número de sessões semanais, forma de pagamento ou gratuidade, etc.). Cabe destacar ainda, neste

⁵⁴ Cf. A. Green (2002a) *La Pensée Clinique*, p.27.

contexto, a formulação inovadora de Green (2002a) dos *processos terciários*: “Nós supusemos que a atividade analítica, em seu melhor nível, consistia em um vaivém permanente entre os dados vinculados aos processos primários e àqueles do pensamento secundarizado” (p. 30). Trata-se de dar ênfase às formas de ligação entre os processos primários e secundários, denominadas por ele de processos terciários, na compreensão das dinâmicas presentes na clínica e de valorizá-las na formulação de um modelo de pesquisa propriamente psicanalítico.

Aliás, como bem expôs Fernando Urribarri (2010) em seu posfácio do livro de Green *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*:

A virada dos anos 2000 e a proposição do que poderia ser considerado um paradigma contemporâneo da psicanálise, marcantes nos trabalhos de Green no início deste nosso novo século, garantem que no lugar de um novo jargão, o projeto contemporâneo visa construir uma matriz disciplinar, uma articulação das ideias diretrizes para um programa de pesquisa sobre as questões (teóricas e clínicas) da prática atual. (p.249)

Para Urribarri, a matriz disciplinar contemporânea deve operar a apropriação das principais contribuições pós-freudianas e articulá-las com as contribuições originais de Freud na formação de uma psicanálise renovada. Mas esse projeto ganha seu maior sentido na medida em que os dados da clínica contemporânea se impõem como ponto de partida e de chegada. Ou como sugeriu Manoel Macias (1999) na apresentação do livro em que publicou as suas entrevistas com Green:

Para aqueles que se sentem pouco atingidos tanto pelas comprovações kleinianas quanto pelos matemas lacanianos, essa obra [de Green] não é unicamente uma obra pessoal interessante: é uma obra fundamental, uma obra marcante, estabelecendo uma nova relação com o “freudiano”, a partir de dados clínicos atuais. (p.12)

Portanto, para pensar a presença freudiana na psicanálise pós-freudiana não é preciso afastar-se de Freud e contemplar a obra original de Klein, ou de Lacan, ou de Winnicott, como se suas marcas distintivas fossem a ruptura ou o ultrapassamento da obra freudiana. Ao contrário, acho que é interessante seguir a proposição de Green para a construção de uma psicanálise contemporânea; ou seja, que é na própria obra freudiana que se pode reconhecer o que há de inovador e o que há de tradicional na obra de cada um dos autores pós-freudianos.

Referências

BARANGER, W. Validade do conceito de objeto da obra de Melanie Klein. In: BARANGER, W. et. al. *Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise*. (Trad.: Giselle G. de Almeida.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

BERNARDI, R. André Green: pensamento clínico y complejidad. Cuestiones pendientes. *Revista de Psicoanálisis – APA*. Vol. LXIX, n. 1, p.217-229, 2012. Buenos Aires: Cosmoprint.

BION, W. Attacks on linking. *International Journal of Psycho-Analysis.*, 40:308-15, 1959. Republicado em BION, W.R. *Second Thoughts*, Heinemann, 1967. p.93-109.

BOLLAS, C. *Le Moment freudien. Préface d'André Green*. (Traduzido do inglês por Ana de Staal.) Paris: les Éditions d'Ithaque, 2011.

CINTRA, E. M. & FIGUEIREDO, L. C. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.

COELHO JUNIOR, N. E. The origins and destinies of the idea of thirdness in contemporary psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 97, n. 4, p.1105-1127, 2016.

_____. A importância de André Green para a psicanálise contemporânea. *Percurso*. São Paulo, v. 49/50, p. 141-152, 2013.

_____. A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora (PPGTP/UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 4, n.2, p. 37-49, 2001.

_____. *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Escuta, 1995a.

_____. Realidade material, realidade psíquica, realidade clínica. *Boletim de Novidades Pulsional*, Ano VIII, #73, p. 5-17. São Paulo: Escuta, 1995b.

COELHO JUNIOR, N. E.; MARTINI, A. Planos de realidade na escrita e na clínica psicanalíticos. In: EWALD, A. (org.) *Subjetividade e literatura: harmonia e contrastes na interpretação da vida*. p. 145-161. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011.

COELHO JUNIOR, N. E.; SIGLER, R. A açougueira inspirada. In: PINTO, M. C. (Org.). *O livro de ouro da psicanálise*. v. 1, p. 295-305. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

FIGUEIREDO, L. C. *As diversas faces do cuidar*. São Paulo: Escuta, 2009.

FREUD, S. (1900) *Die Traumdeutung, studienausgabe*, vol.II. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1970.

_____. (1905) Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. *Studienausgabe*, vol.5, p. 37-147. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1970.

_____. (1908) Der Dichter und das Phantasieren. *Studienausgabe*. v.X, Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1970.

_____. (1910) Über einen besonderen Typus der Objektwahl beim Manne. *Studienausgabe*, vol.5. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1970.

_____. (1914) *Zur Einführung des Narzissmus, Studienausgabe*. vol.III. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1970.

_____. (1917a) Trauer und melancholie. *Studienausgabe*. vol.III, p.183-212. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1970.

_____. (1917b) Carta a Groddeck, 5 de junho de 1917. In: S. FREUD; G. GRODDECK. *Correspondencia*. p. 37-40. Barcelona: Anagrama, 1977.

GREEN, A. *Um psicanalista engajado. Conversas com Manuel Macias*. (Tradução de José Martins Canelas Neto.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. The intrapsychic and intersubjective in psychoanalysis. *The Psychoanalytic Quarterly*, v. LXIX, n. 1, p. 1-39, 2000.

_____. *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob, 2002a.

_____. *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF, 2002b.

_____. *Illusions et desillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob, 2010.

HINSHELWOOD, R. D. *Dicionário do pensamento kleiniano*. (Trad. Jose Octavio de Aguiar Abreu.) Porto Alegre. Artes Médicas, 1992.

KRISTEVA, J. *O gênio feminino – a vida, a loucura, as palavras*. Tomo II – *Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LAPLANCHE J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

MACIAS, M. Apresentação. In: *Um psicanalista engajado. Conversas com Manuel Macias*. (Trad. José Martins Canelas Neto.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed. (Trad. Eliane Lisboa.) Porto Alegre: Meridional/Sulina, 2005.

PONTALIS, J. B. *Entre le rêve e la douleur*. Paris: Gallimard, 1977.

SANDLER, J.; SANDLER, A.M.; DAVIES, R. *Clinical and observational psychoanalytical research: the roots of a controversy*. London: Karnac, 2000.

URRIBARRI, F. (2010) Posface: *Passion Clinique, pensée complexe. Vers la psychanalyse du futur*. In: GREEN, A. *Illusions et desillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob, 2010.

WINNICOTT, D.W. (1971) *Playing and reality*. Edição consultada: *Realidad y juego*. Buenos Aires: Granica Editorial, 1972.